

CAMARGO, A. C. C. S. *Educar: uma questão metodológica? Proposições psicanalíticas sobre o ensinar e o aprender*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2006. 141p. (Coleção Psicanálise e Educação)

CARMEM ANDRADE MACHADO\*

Este livro é resultado do trabalho complementar de conclusão do curso de Pedagogia/USP em 2005, escrito por Ana Carolina Corrêa Soares de Camargo, sob a orientação do professor doutor Leandro de Lajonquière.

Com a experiência de mais de 15 anos de aulas particulares para alunos da II Fase do Ensino Fundamental que apresentam dificuldades de aprendizado, Ana Carolina resolveu fazer o curso de Pedagogia na USP a fim de adquirir uma formação profissional, didática e pedagógica que garantisse uma prática docente mais eficaz.

Foi durante essa formação que se deparou com o grupo de estudos sobre psicanálise e educação na infância. A sua inserção neste grupo levou-a a confrontar os pressupostos estudados no curso de Pedagogia com as proposições psicanalíticas a respeito de educar, ensinar e aprender. Esse embate teórico travado pela autora compõe-se na tônica de todo seu livro, utilizando para isso citações de importantes autores.

Aos seus apontamentos a autora acrescenta notas explicativas sobre conceitos básicos da psicanálise, o que facilita a compreensão de qualquer leitor que ainda não tenha conhecimento das proposições psicanalíticas sobre a educação.

Ao término de cada capítulo, Camargo também nos presenteia com o que ela denomina de “drops poema”, ou seja, trechos do texto “O Espelho”, de Guimarães Rosa, e alguns poemas de Mário Quintana, o que torna a leitura do livro ainda mais prazerosa.

---

\* Professora da Secretaria Municipal de Educação e da Universidade Universo. E-mail: professoracarmem@ibest.com.br.

Esta obra traz para o debate docente questões que não podem ser negadas sobre o processo ensino-aprendizagem. As inquietações da autora são também as de muitos outros pedagogos que, frente ao desafio de ensinar, sentem-se impotentes e incapazes.

Os mais avançados recursos metodológicos e tecnológicos, as mais diversificadas e criativas propostas pedagógicas, as “mil e uma” competências do professor não são suficientes para garantir que o aluno aprenda. Por quê?

Para Camargo, muitas explicações encontram-se no campo teórico psicanalítico e vale a pena seguir com a autora esse caminho que aponta para uma direção além dos pressupostos pedagógicos hegemônicos.

No primeiro capítulo, a autora introduz uma pergunta: “Educa-se uma criança?”. Na busca de respostas, ela descreve vários conceitos de educação utilizando dicionários e autores da área da Pedagogia e da Psicanálise, o que a leva a compreender que os conceitos são muito divergentes. Para a Pedagogia, que Camargo denomina Ortodoxa, Educação é a formação do indivíduo por meio de conhecimentos e experiências culturais, tornando-o capaz de atuar no meio social e transformando-o de acordo com as necessidades da coletividade. Já para a psicanálise, a autora (p. 75) afirma que “o ideal de uma educação tem a ver com uma espécie de fertilização identitária que permite ao sujeito a criação de uma existência para além do aprisionamento especular, por isso subversiva e transcendente, capaz de viabilizar ao sujeito o delineamento de um projeto próprio de vir a ser, o que fará dele autor de singular subjetividade autoproduzida entre as vicissitudes da vida entre sujeitos”. Com essas palavras, Camargo diferencia o conceito de educação para a Psicanálise e para a Pedagogia Ortodoxa e revela a impossibilidade de delimitar uma única definição para o termo.

No seguinte capítulo, aproximando-se do campo pedagógico com as lentes psicanalíticas, a autora explica o que significa “crença ilusória pedagógica”, ou seja, acreditar que a ação educativa possa ser desenvolvida de maneira controlável, racional e consciente, supondo que os componentes didáticos metodológicos possam resolver tudo e para todos no que diz respeito ao processo de ensino. Ledo engano, pois tal entendimento desconsidera a existência do aparelho psíquico e da interferência do inconsciente em todas as ações e pensamentos do sujeito, princípio básico da teoria psicanalítica.

A compreensão de que o processo ensino-aprendizagem é imprevisível leva a autora a questionar a Educação Ideal apreendida pela Pedagogia

Ortodoxa e consolidada nos princípios da Didática, por meio de práticas e propostas educacionais enraizadas nos ideais racionalistas e positivistas do século XIX. Infelizmente, essas convicções ainda são predominantes nos discursos pedagógicos, nas reformas educacionais e nas práticas escolares.

A Pedagogia como Educação Ideal pressupõe que o ato educativo ocorre na comunicação e transmissão de conhecimento única e exclusivamente pela via consciente e racional.

Refutando essa abordagem, Ana Carolina apresenta o terceiro capítulo com o subtítulo “A inevitável presença do inconsciente no meio escolar”, discutindo a importância de o professor considerar a ação do inconsciente na constituição do sujeito. Contudo, não se espera que os professores tornem-se “analistas infantis”, mas que compreendam melhor os processos de formação aos quais o sujeito está submetido.

Os efeitos da transmissão da psicanálise aos educadores levam ao entendimento de que educar é a arte da escuta, lida com o imprevisível e ocorre por meio de trocas intersubjetivas. O forte laço do professor com a cultura expressa a ligação autêntica e subjetiva dele com o conhecimento.

No último capítulo, a idéia central do livro é reforçada pelos argumentos de que educação não é uma questão de método, mas uma questão simbólica, uma questão de estilo. Sobre estilo, a autora enfatiza que é uma marca singular do sujeito, a forma como o professor consegue inspirar e contagiar os alunos com a sua paixão pelo conteúdo que transmite. O estilo de ensinar não pode ser generalizado e explicitado nos cursos de formação de professores porque está relacionado às vicissitudes que se constituíram no decorrer da vida de cada sujeito.

Chegando às considerações finais do livro, infere-se que o objeto de amor do professor que o faz ser desejante contagia de tal forma o aluno que o leva a desejar também. Essa busca pelo amor do outro, permeada pela linguagem, no campo do inconsciente, permite as transmissões simbólicas. Afinal, eis aí o sujeito da psicanálise possível de ser inoculado pelo desejo de outros que alimenta e sustenta sua humanidade.

A proposta da autora de andar na contramão, buscando explicações para os entraves pedagógicos fora da ciência pedagógica, com certeza é arriscada e ousada, mas reflete uma necessidade da contemporaneidade frente aos desafios educacionais. Afinal de contas, a pedagogia, como campo científico responsável por investigar a teoria e a prática da educação nos seus vínculos com a prática social global, sempre recorreu à contribui-

ção de outros campos de estudo como a Filosofia, Sociologia, Psicologia e outros. Então agora pode ser o momento de se abrir espaço para as proposições psicanalíticas sobre o ensinar e o aprender, na busca de entender a seguinte questão: se a educação não for uma questão de método, é uma questão de quê?

Este é o convite que se faz ao leitor, que leia e se incomode, que sirva de ponto de partida para uma maior imersão neste profícuo campo de intersecção entre a Psicanálise e a Educação.

Camargo conseguiu, com seu livro, promover uma discussão entre os pressupostos pedagógicos e psicanalíticos sobre o processo ensino-aprendizagem. Por isso, essa leitura apresenta-se como uma referência importante para pedagogos e pesquisadores da área educacional que estejam dispostos a indagar sobre o ideário pedagógico dominante a partir de uma imprevisível incursão nas teorias psicanalíticas.

Recebido em: 18 nov. 2008

Aceito em: 30 jan. 2009